

Dispositivos Midiáticos¹

Jairo Ferreira - PPGCOM-Unisinos.²

RESUMO: O artigo discute o lugar do conceito de dispositivos na diferenciação do campo epistemológico da comunicação. Muitos autores o reduzem a sua dimensão técnica e tecnológica. As dimensões sócio-antropológicas e semiológicas são, quando isso ocorre, somadas (justapostas). Na perspectiva que desenvolvemos a partir de vários autores que operam teórica e metodologicamente com o mesmo, propomos uma síntese que resulta das relações entre essas três dimensões. Ilustramos a proposição com uma discussão sobre a construção do acontecimento midiático.

PALAVRAS-CHAVE: mídia; dispositivos; sociedade; tecnologia; linguagem.

1 Introdução: o lugar do conceito na comunicação³

Epistemologicamente, a historização que Vizer (2003) faz (ciências da natureza, ciências sociais, campo “psi” e ciências da comunicação), permite, inversamente,

¹ Trabalho apresentado ao NP 01 – Teorias da Comunicação, do V Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom.

² Coordenador do GT de Epistemologia da Comunicação da Compôs (2005-2006). Coordena, junto com Eduardo Vizer, NP do CNPQ EPISTECOM. Desenvolve pesquisa sobre a circulação midiática, intitulada “A circulação em dispositivos midiáticos (estudo sobre as ONGs em sites na Web)” . Apoio: CNPq, Fapergs, Unisinos. Pesquisador do CNPQ. Email: jferreira@unisinos.br. Bolsistas de IC: Giovana Rech (Unibic) e Rodrigo Monteiro (Fapergs).

³ Este texto explora um conceito em nossa formulação sobre a midiaticização, em debate na Rede Prosul. O texto sobre midiaticização está em produção em várias versões. Sua primeira versão foi apresentada em seminário realizado na Unisinos em 2005. A segunda versão foi apresentada sucessivamente em seminários nas universidades Nacional, Autônoma de Bucaramanga, Externado e Distrital, todas na Colômbia. A mais atual está sendo publicada, em espanhol, no site do Instituto de Estudo de Comunicação e Cultura – IECO, da Universidade Nacional da Colômbia.

compreender como cada uma é “invadida” pelas anteriores (o que se expressa nos construtos e nas metáforas explicativas herdadas), e, simultaneamente, a posterior invade a anterior (assim, as ciências da linguagem “invadem” o “campo psi”, o simbólico invade as matemáticas, etc.). Esta perspectiva produtiva tem, entretanto, um limite: vai compreender a comunicação nas fronteiras definidas nas relações entre sociedade, indivíduo e linguagem. Passa, sem problematizar, pela dimensão tecnológica.

1.1 *Sociedade e linguagem*

Ilustramos. As categorias tais como o imaginário e o simbólico, o relaxamento e as tensões, a presença e a ausência do outro, os centramentos e os descentramentos – como outras tantas de viés sócio-antropológico – orientam muitas pesquisas na esfera da produção e da recepção de produtos midiáticos. Entretanto, em geral nenhuma dessas categorias de produção social de sentido são específicas dos dispositivos sócio-semio-tecnológicos midiáticos, mas emergem nos processos conversacionais em geral, isto é na comunicação enquanto microfísica. Isto é, na conversação ocorre construção de imaginários, simbólicos, centramentos, descentramentos, ausências e presenças, tensões e relaxamentos, etc. Permanece, portanto, a lacuna de como ocorre a circulação do conversacional para o midiático, ou, se quisermos, de como essas categorias são transformadas nos processos entre os limites da conversação e do midiático.

Portanto, o problema teórico e metodológico, com que nos enfrentamos em nossas investigações, é reduzir a questão midiática à interface entre sociedade, linguagem e interação, o que **pode** propiciar um deslocamento para um olhar construído nas interações entre as ciências da linguagem e da sociedade (o discurso na interface entre tóricas da linguagem e a psicologia, sociologia e antropologia). No máximo, esse olhar poderia iluminar processos específicos de mídia. Essa perspectiva se revelou, em nossa investigação, insuficiente⁴.

⁴ Estou me referindo análise que realizamos sobre as condições sociais de existências de instituições (no caso, ONGs) e disposições discursivas (investigas em materiais na Web) das mesmas. Exemplo: identificamos uma correlação forte entre discursos de poder (que operam a partir de marcas sobre a moralização, legislação e orientação técnica científica das ações sociais relacionadas às questões públicas ou transformadas em públicas) e os capitais políticos dessas instituições. Para a questão de que se é o discurso que constitui os capitais ou os capitais que constituem os discursos, sugerimos a interpretação de que entre condições de

A inserção do tecnológico, especificamente as tecnologias de comunicação, é o caminho que, em nosso entendimento, permite ultrapassar essa insuficiência, pois esse é o lugar que aparece tencionando as teorias da comunicação de matriz sócio-antropológica (através de um modelo, o informacional).

Na medida em que teorizar é construir relações entre categorias de análise integradas a uma ordem conceitual e relacional, voltamos ao conceito de dispositivos, que já havíamos explorado anteriormente. Sem necessariamente negar as proposições anteriores (Ferreira,2002), essa volta tem agora consigo o esforço de produzir o “conceito” num nível que dê conta de processualidades que consideramos centrais.

1.2 Tecnologia e sentido

A tese da midiatização como produção tecnológica de mensagens (Veron, 1997) sob determinadas condições de produção e recepção – aquelas que configuram a formação de mercados discursivos entre instituições e indivíduos – é fundamental para localizar a importância da lacuna apontada. Essa ancoragem nas tecnologias, entretanto, não é neutra. A tecnologia, como a linguagem, é uma mediação nas interações entre o humano e os objetos. Seu desenvolvimento condensa e transforma as práticas sociais, renovando algumas, atrofiando outras, inclusive quando se trata de produção de mensagens. Ela opera, junto com as técnicas (ações), sobre os materiais significantes, na medida em que agencia diferentes formas de inscrição de registros semióticos múltiplos. Ao mesmo tempo, a linguagem é a mediação entre o social e o tecnológico, pois, de um lado, incorpora disposições sociais anteriores, transformando-as, e inscrevendo-as em determinados agenciamentos tecnológicos e técnicas.

Isso implica em compreender os dispositivos incluindo as condições sociais de sua produção e recepção (condições de existência e disposições – rotinas relacionadas aos dispositivos compreendidos em estrito senso), não como algo externo, mas acoplado e deslizante em relação aos dispositivos enquanto materialidades. Exemplo é a análise que Verón faz sobre as configurações dos públicos pela televisão – de uma resposta ao espaço

existência – capitais – discursos há uma correlação, ou mutua determinação. Para compreender o lugar do midiático nesse processo identificamos a necessidade do conceito de dispositivos, que, no desenrolar de nossas reflexões, passa ocupar um lugar central como operador epistemológico e metodológico.

público firmado pelo escritural à construção de um espaço público de sensorialidade, emocionalidades, implicada no conjunto de operações semiológicas mobilizadas pela mídia televisiva.

Essas transformações sócio-semiológicas integram o dispositivo midiático televisivo, isto é não são externalidades em relação às materialidades televisivas. Essa história vinculada à esfera técnico-semiológica (a força do indicial na televisão é impensável à margem dos recursos tecnológicos e técnicos que possibilitam a seqüência de imagens nos suportes de restituição) abre novas possibilidades de incorporação e desincorporação de categorias de sentido sócio-antropológicas (o imaginário, o simbólico, o relaxamento, as tensões, etc.), altera as disposições (recepção e produção), e as próprias condições de existência. Essa formulação é um caminho que pode responder a algumas relações teóricas construídas em torno do conceito de dispositivos, que agrupamos nos três itens a seguir.

1.2.1 *Dos processos comunicacionais para processos midiáticos*

A compreensão do midiático como produção tecnológica de mensagem estabelece uma ruptura entre o comunicacional e o campo das mídias. Nas teorias da comunicação, essa tensão aparece entre as abordagens que vão privilegiar a comunicação como interações entre dois e/ou as mediadas pelas tecnologias de informação e comunicação, ou como conversação acoplada e deslizada relativamente aos processos de informação.

A comunicação é microfísica na medida em implica em conversação, rede de relações não objetivadas, que coloca em jogo a inserção de indivíduos e instituições no espaço social simbólico constituído como alteridade⁵, em permanente construção (ou cultivo⁶) através das trocas incessantes de materiais significantes, o que significa compreender, em sua gênese, a comunicação como circulação. A dimensão conversacional é que mais indica o processo de construção social de sentido, na forma como propõem as correntes interacionistas.

Porém, só há a constituição do campo das mídias na medida em que dispositivos e disposições específicos de comunicação estabelecem forças próprias, que afetam as dinâmicas de outros campos sociais. Essas forças ganham maturidade quando o campo

⁵ No âmbito do Prosul, o conceito de alteridade vem sendo pensado por Massoni (2005).

⁶ Vizer (2004).

“caminha sobre as próprias pernas”, ou quando os processos inerentes produzem sua própria existência (o que vai aparecer como circulação de sentido ou fluxo internos aos processos midiáticos). Na tensão entre a ruptura e continuidade com as lógicas das trocas simbólicas articuladas com a inserção no espaço da alteridade, o midiático transforma a comunicação enquanto processo microfísico. Nesse sentido, não se trata de uma comunicação conversacional “pura” em contraposição a uma midiática, mas de uma invadida pela outra.

1.3 O dispositivo emerge das confluências entre o social, o tecnológico e a linguagem

As perspectivas teóricas com as quais discutimos o conceito no campo epistemológico da comunicação vêm respondendo a essas continuidades e rupturas com o conceito de dispositivo, problematizando em particular o lugar da linguagem, o último objeto historicamente construído, conforme abordamos no início do artigo, citando Vizer. Esse objeto é o ponto de passagem de novas formulações quando relacionado a tecnologias, técnicas e sociedade, na análise dos meios.

O conceito de dispositivo é produzido através de um deslocamento de perspectivas que identifica os acoplamentos e deslizamentos em processo no encontro dessas dimensões reconhecidas nos estudos de comunicação, em que uma deixa de ser vista somada a outra, mas sim que uma desloca a outra, em múltiplas recorrências. Esses deslocamentos operam sobre diversas interfaces: a) a de uma abordagem restrita às relações entre linguagem e sociedade; b) a de uma abordagem localizada nas relações entre sociedade e tecnologias de comunicação e informação; c) e, finalmente, entre tecnologia, técnica e linguagem.

Ilustramos essa argumentação com algumas posições na história recente do conceito no campo epistemológico da comunicação. Em Braga, o conceito de dispositivo de conversação é construído na oposição entre linguagem, interações e contexto; em Rodrigues, o dispositivo de enunciação, conceito utilizado para análise de telejornais, é construído na relação entre regras formais da linguagem, interações e contexto. Maingueneau (2005) falará nesta perspectiva quando define, num esforço integrativo, duas unidades na análise do discurso. Os tipos de discursos estão ancorados em campos sociais

específicos, que produzem seus tipos (discurso dos hospitais, discursos comunistas) e gêneros (jornalísticos, literários, programas, etc.). O mesmo esforço pode ser observado em Rodrigues (1996), articulando uma teoria social dos campos com a linguagem.

Nesses autores, a tecnologia não aparece como uma dimensão central na construção do conceito. Mas ela é uma dimensão central (em relação com interações, linguagem ou valores sócio-antropológicos) em Peraya (1999), Meunier (1999) e Charaudeau (1997). Neste último autor, a tecnologia é central para análise do discurso midiático, na medida em que ela é a mediação entre os suportes e os materiais significantes. Isso é, o sentido dos materiais significantes é recortado pela tecnologia: o rádio impondo um repertório de sons, e por essa via coloca em jogo o sentido do som em si, abstrato relativamente às condições genéticas de sonoridades; a televisão, de imagens e falas, o sensível e o código; o jornal, a escritura.

Esse olhar o faz convergente com as reflexões de Veron, porém as origens semio-lingüísticas de Charaudeau o deixam mais imóvel em termos reflexivos e experimentais, o que se expressa inclusive num certo “abandono” das dimensões lingüísticas na análise do midiático. Há uma ruptura teórica e epistemológica entre a análise que faz dos materiais significantes e do midiático, ao contrário da reflexão de Rodrigues (1994) onde as dimensões lingüísticas estão atualizadas na análise do dispositivo. No lingüístico, ficam, entre outras, as estratégias enunciativas sobre o acontecimento – uso de primeira e terceira pessoas -, usos dos tempos lingüísticos, configurações narrativas. O que ficaria fora do conceito restrito da lingüística são os enquadramentos e molduras, termos que coincidem com os utilizados pelo interacionismo para falar de contextos.

Em nosso entendimento, essa dificuldade decorre da inserção, na reflexão, da dimensão tecnológica, a qual, ora desloca a reflexão em pares diádicos para as dimensões linguagem, técnica e tecnologia (Rodrigues, Mouillaud e Charaudeau), ora para as dimensões linguagem e contextos de interação (Rodrigues e Braga). Quando ausente a dimensão da linguagem, voltamos aos estudos entre sociedade, tecnologia e comunicação.

2 A construção social do acontecimento em dispositivos midiáticos

A constituição dos mercados de produção social de sentido herda a unificação dos mercados lingüísticos e discursivos, mas responde, ao mesmo tempo, à diferenciação entre produtores (especialistas) e consumidores, que disputam lugares na hierarquia do dizer e do escutar. Responde a diversos desdobramentos dessa diferenciação dos mercados discursivos unificados:

- a) *Da distinção social entre os interlocutores, onde se coloca a necessidade de nomear o lugar de cada um, defini-lo, disputa-lo e localizá-lo perante outros, no âmbito de um sistema de classificação social, e de um processo de diferenciação ascendente em sociedades complexas. Esse processo se expressa nas marcas de localização de agentes, instituições e campos perante enunciadores também institucionais, em sociedades de mercados, através dos processos discursivos.*
- b) *Do processo de circulação em, em que o discurso é objeto do discurso, em que as falas de agentes, instituições e campos sociais são reintegradas a outras, numa distribuição conforme as posições sociais (objetivas) dos interlocutores. Esse processo se expressa enquanto processo em que os materiais significantes são objetos interpretados e transformados, deslocando o lugar social de fala dos outros, através dos diversos agentes do processo enunciativo que entrelaçam objetos (referentes) e imagens de outros agentes sociais (vinculados a instituições e campos sociais).*
- c) *Da relação entre o simbólico social e o real que se expressa num eu-social de indivíduos e instituições. Aqui, a circulação entre os dispositivos de comunicação e midiáticos e no âmbito de cada um, recoloca as dimensões imaginárias, simbólicas, de transicionalidade, alteridade e vínculos sociais;*

Quanto mais unificado o mercado discursivo, e maior o acoplamento e deslizamentos entre tecnologias, linguagens e interações conversacionais, maior o processo de mediação – e, portanto, de inserção no campo midiático. A mediação, nesse sentido, se expande por conta da expansão das modalidades de dispositivos de comunicação que permitem a expansão das trocas em direção aos mercados unificados, ampliando o tempo e espaço de abrangência da interlocução, ou intensificando as trocas já fundadas em

tempo e espaços constituídos anteriormente. Isso, entretanto, fica restrito a uma reflexão que relaciona sociedade e linguagem. É necessário identificar as operações através das quais se produzem as respostas a essas diferenciações, o que requer, como afirmamos, colocar em relação a linguagem, a técnica e tecnologia, e as dimensões sócio-antropológicas.

A resposta à diferenciação é semiológica porque produzir a sociedade como acontecimento midiático implica num sujeito (individual e/ou coletivo), uma ação e uma qualificação do mundo. Essa tríade não pertence necessariamente ao acontecimento objetivo. Os acontecimentos subjetivos – psicológicos e sociais -, fundamentais nos processos de configurações de comunidades interpretantes, também podem ter este funcionamento. Como essas comunidades são centrais na realidade constituída semiologicamente, acabam por formatar o próprio mundo objetivo.

Os regimes de verdade modernos destacam as dimensões do tempo e do espaço quantitativos na construção dos acontecimentos fundados em torno do valor de credibilidade, como indica o debate em torno da informação jornalística. Nas reflexões sobre os dispositivos, o tempo e o espaço aparecem em Aumont (1995), Rodrigues (1994), Mouillaud (1997), Carlon (1999). Em termos comunicacionais, a força desses vetores está ligada aos processos sociais de diferenciação, vinculados a mercantilização moderna. Ações diferidas no tempo e no espaço social são reinscritas através inclusive da midiatização, mediação através das quais a sociedade regula-se por intermédio dos mercados discursivos unificados.

2.1 Diferenciando dois objetos midiáticos: telejornal e documentário

Entretanto, essa reinscrição não assegura que o dispositivo seja jornalístico como ilustramos a seguir. O exemplo mais nítido para diferenciar as fronteiras dessas práticas em relação a outros processos midiáticos de construção do acontecimento é o documentário. O documentário, que pode ser veiculado pela televisão, se diferencia na dimensão semiológica pelos investimentos em reproduções do objeto sem localização temporal e espacial específica (o icônico). Já no jornalismo, o icônico terá que passar, em algum momento, pela indicialidade, ou seja, ancoragens no tempo e no espaço (seja através de

títulos, legendas ou textos de apoio). Mas abordar assim a problemática é reduzir o dispositivo a sua dimensão semiológica. Simultaneamente, em relação com essa ordem, mas constituindo-se numa diferenciação relativa às técnicas e tecnologias, a midiaticização do acontecimento implica numa distinção entre diversos enunciadores, como mediações da instituição que fala.

Nos dois, telejornal e documentário, a voz em off é compartilhada. Mas, no jornalismo, a voz em off é da instituição que fala. No documentário, a voz em off é anônima, de um enunciador onipresente, onipotente, como narrador (em geral, icônico, mas também relatando ou narrando simultaneamente às imagens, icônicas e indiciais, mostradas). O jornalismo materializa o enunciador na instituição que se autoriza e é autorizada por comunidades intepretantes, incluindo nesse processo âncoras, comentaristas, cronistas, chargistas, etc. até as mediações situadas pelos repórteres.

Essa diferenciação (distanciamento) é constituída semiológica, técnica (ações que regulam as interações nos espaços do dispositivo de restituição) e tecnologicamente (dimensão que viabiliza o jornalismo como observador circulante, em diversos tempos e lugares, etc.), o que implica na inscrição do signo em ordens sociais específicas (a técnica como ação social regulada por sistemas de produção e a tecnologia como materializações de ação em outros corpos), incluindo aquela de uma instituição distante de atores e instituições específicas, localizadas em diversos mercados, em lutas por capitais diversos, incluindo os midiáticos, através de discursividades singulares. Cada uma das dimensões transforma a outra.

Assim, ao diferenciar o tempo da instituição enunciativa (temporalidades marcadas pelos tempos de rotação dos dispositivos – diários, semanários, etc.) relativamente aos tempos dos acontecimentos relatados, o espaço de cada um, cria-se, no dispositivo, um efeito de objetividade que integra aqueles produzidos na esfera da linguagem. A força do dispositivo é tanto, que, na verdade, o jornalismo pode se dar ao luxo de fazer ofertas absolutamente icônicas na construção do acontecimento, se distanciando das marcas de uma indicialidade (exemplo forte é das capas de revistas semanais e segmentadas).

Essa perspectiva não nega a ordem semiológica, nem a sócio-antropológica, mas as insere em dispositivo. Implica em inscrição dos signos em outros signos por decorrência de operações técnicas, tais quais a própria construção midiática do acontecimento, dimensão

central no jornalismo. É ancorada na centralidade dessa dimensão (em si, sócio-técnica), que deve ser analisada a questão geral da comunicação jornalística, incluindo as esferas sógnicas relativas escolhas dos meios significantes consigo mesmo, tais como cores, frisos, tonalidades, sons, etc. especificamente midiáticos, em contraposição das cores, sons, imagens, especificamente subtraídos do acontecimento, sempre tensionado pela necessidade de dar conta (para que a comunicação se realize) da construção de coletivo interpretante.

Não por acaso, autores de perspectiva semiológica, como Veron, vão acentuar a problemática da relação dos signos com os objetos (expressa na tríade ícone, índice e signo) em relação com um coletivo interpretante, mediadas pelos materiais significantes em dispositivos. É de Veron, inclusive, nosso acento na relação da dimensão semiológica com as dimensões técnicas ancoradas na construção do acontecimento. Assim, as operações através das quais o midiático produz sentido de objetividade (ou informacional) e subjetividade (qualificação do acontecimento) são, sem dúvida, caminhos de passagens a caracterização do gênero. Mas não se encerra aí o dispositivo. O dispositivo inscreve essas operações em outras, em que as relações entre os pares de relações em interface devem ser questionados para escandir o especificamente midiático.

3 Conclusões

O artigo discute o lugar do conceito de dispositivos na diferenciação do campo epistemológico da comunicação. Muitos autores o reduzem a sua dimensão técnica e tecnológica. As dimensões sócio-antropológicas e semiológicas são, quando isso ocorre, somadas (justapostas). Na perspectiva que desenvolvemos a partir de vários autores que operam teórica e metodologicamente com o mesmo, propomos uma síntese que resulta das relações entre essas três dimensões. Ilustramos a proposição com uma discussão sobre a construção do acontecimento midiático.

O termo técnico e tecnológico indica que a comunicação “passa” pelas materialidades – ou corporeidades – técnicas (ações) e tecnológicas (suportes), lugares onde ganha inteligibilidade a linguagem, cujas múltiplas possibilidades de articulação e desarticulação abrem campos de efeitos diferenciados (racionalidades, imaginários e mundos simbólicos em relação com os dispositivos, como atestam os debates sobre o livro, o jornal impresso, a televisão, etc.). A diferenciação entre corpo e tecnologia, tecnologia em geral e tecnologias de comunicação e informação, ganha importância epistemológica. Aqui os dispositivos podem aparecer como máquinas de produção de mensagens.

O termo sócio indica que as materialidades dos processos comunicacionais – máquinas e signos que emanam em processos semio-técnico – estão imersas, ou banhadas, em materialidades socio-psico-antropológicas, não como algo externo, passível de análise relacional (como fazem parte dos estudos de produção e recepção), mas internos (sistemas de produção incorporados nas obras, disposições, práticas e rotinas de interação com os processos de comunicação).

A construção social dos acontecimentos não existe sem essa passagem pelo ciclo semiológico, em que objetos, meios significantes e coletivos interpretantes estejam em relações. Esses coletivos são, nas perspectivas sociológicas, construídas socialmente. Na perspectiva sócio-semiótica, tratar-se de verificar como os meios significantes são mediações de construção de coletivos interpretantes sobre as relações consigo, meios e objetos. Os meios, entretanto, são inscritos e operados (em particular no está das máquinas informáticas) em técnicas e tecnologias. A produção e a recepção, nesse sentido, são parte do dispositivo midiático.

Como essas três dimensões procuramos uma síntese para o conceito de dispositivos de comunicação. As relações entre as três dimensões são de acoplamentos e deslizamentos, gerando – como afirmam as perspectivas epistemológicas complexas – efeitos dissonantes, ressonantes, fractais, irregularidades, etc. o que significa que gera sentidos não só resultantes de determinadas ordens (gêneros, modelos, formatos, etc.). Com o conceito de dispositivos sócio-semio-tecnológicos buscamos a superação de diversas antinomias que identificamos nas investigações teóricas e experimentais que realizamos.

4 Referências bibliográficas

AUMONT, Jacques. A parte do dispositivo. In: A imagem. 2. ed. Campinas: Papyrus, 1995.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline [1998]. Palavras incertas. As não coincidências do dizer. Campinas: Unicamp.

BELIN, Emmanuel. De la bienveillance dispositif. In: Le Dispositif - Entre usage et concept. Hermes 25: Cognition, Communication, Politique. Paris: CNRS Éditions, 1999. p. 245 - 259.

BOURDIEU, P. [2000]. La distinción : criterios y bases sociales del gusto. - 2. ed. - Madrid : Taurus.

BOURDIEU, P. [1996] A economia das trocas lingüísticas, 1. Ed. São Paulo: Edusp

BOURDIEU, P. [1997]. Razões práticas. 2. Ed. São Paulo: Papyrus.

BRAGA, José Luiz [2001]. Constituição do campo da comunicação. In: FAUSTO, Antônio, PRADO, José Luis, PORTO, Sérgio. Campo da comunicação – caracterização, problematizações e perspectivas. p. 11-40.

BRAGA, José Luiz [2005]. Processos mediáticos – O terceiro sistema. GT de Comunicação e Sociabilidade. XIV Compós, 2005.

BRAGA, José Luiz. Sobre a Conversação. In: Brasil – Comunicação, Cultura & Política. Rio de Janeiro: Diadorim, 1994. p. 289 – 308.

CARLON, Mario. Sobre lo televisivo. Dispositivos, discursos y sujetos.. Tucuman: La Crujia, 1999.

CHARAUDEAU, Le discours d'information médiatique. [S. l.] : Nathan, 1997.

FOUQUIER, Eric. ; VÉRON, Eliséo. Espaces. In : Les spectacles scientifiques télévisés – Figure de la production et de la réception. Paris : La Documentation française, 1986. p. 71 – 87.

- FERREIRA, Jairo. Mídia e conhecimento: objetos em torno do conceito de dispositivo. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – Set 2002
- GODBOUT, Jacques. Lê don, la dette et l'identité. Homo donator vs homo economicus. Montreal: La découverte-Mauss. Recherches. 2000.
- LEBLANC, Gérard. Du déplacement des modalités de contrôle. In: Le Dispositif - Entre usage et concept. Hermes 25: Cognition, Communication, Politique. Paris: CNRS Éditions, 1999. p. 233 – 242.
- MANGUINEAU, Dominique. L'analyse du discours et ses frontières. In: Marges linguistiques. Numéro 9, mai 2005. France, Saint-Chamas: MLMS Éditeur.
- MASSONI, Sandra. Procesos mediáticos y movimientos sociales como fenómenos resonantes: el sentido desde una mirada comunicacional. Texto a publicar em livro coletivo do Núcleo de Pesquisa EPISTECOM. 2005.
- MEUNIER, Jean-Pierre. Dispositif et théories de la communication: deux concepts en rapport de codétermination. In: Le Dispositif - Entre usage et concept. Hermes 25: Cognition, Communication, Politique. Paris: CNRS Éditions, 1999. p. 83 – 91.
- MOUILLAUD, Maurice. et al. O jornal: da forma ao sentido. Brasília: Paralelo 15, 1997.
- PERAYA, Daniel. Médiation et médiatisation : le campus virtuel. ?. In: Le Dispositif - Entre usage et concept. Hermes 25: Cognition, Communication, Politique. Paris: CNRS Éditions, 1999. p. 153-167.
- RODRIGUES, Adriano D. O dispositivo da enunciação. In: Comunicação e Cultura – A experiência cultural na era da informação. Lisboa, Presença. 1994. p. 141 – 156.
- RODRIGUES, Adriano. O discurso mediático. Lisboa, 1996, mimeo.
- VERÓN, E. (2001). Los públicos entre producción y recepción: problemas para una teoría del reconocimiento. Curso da Arrábida. Público, Televisão, 2001.
- VÉRON, Eliséu. Esquema para el análisis de la mediatización. Diálogos de la comunicación. n. 48. Lima: Saywa, 1997. p. 9 – 17.